

MULATO, VIADO, HOMOFÓBICO E RACISTA

Nós, da turma da Garibaldi-Maracanã, discutíamos sobre todos os assuntos da forma como faziam os adolescentes daquela época, talvez de todas as épocas, sem qualquer conhecimento de causa e frivolamente. Repetíamos os argumentos que ouvíamos, mas no nosso cotidiano valiam mais os laços de amizade que tínhamos do que qualquer outra coisa. Com o tempo e alguma maturidade descobríamos que o mundo era mais complicado do que o muro que sentávamos para discutirmos sobre a vida, o universo e tudo. Isto entre uma ou outra ida ao Maracanã para assistir nosso time jogar ou à Pçª Sáenz Peña para o cinema.

Neste dia, eu e o Zé Augusto “Papagaio”, iríamos ao cinema, a pé, da Muda da Tijuca até à Praça, numa caminhada de uns 30 minutos.

O Zé era viado, todos sabiam, mas não comentavam. Ele não tinha nenhum trejeito efeminado e era um cara considerado de temperamento brabo. Bom de briga. Também era mestiço. Seu pai era branco e sua mãe uma mulata clara. Ele, no entanto, declaradamente desdenhava os pretos e os homossexuais. Na época dizer homossexual parecia mais ofensivo do que viado ou bicha. Eu sabia ademais que ele não gostava de judeus, o que era intrigante porque não conhecíamos nenhum naquelas redondezas. Com tudo isso, no entanto, ele era meu amigo e eu não dava importância a estes detalhes idiossincrásicos.

Ele sugeriu que antes de irmos à sessão de cinema, passássemos na casa da sua avó, no caminho, pois ela fazia aniversário. Assim fomos.

A avó do Zé morava em um apartamento térreo. num prédio de três andares. A casa estava cheia de convidados, certamente parentes e amigos.

Ele entrou na sala e se dirigiu a uma senhora “*negra como a asa da graúna*” sentada numa cadeira de espaldar e beijou-a efusivamente enquanto lhe desejava “feliz aniversário, vovó”.

Conheci o resto da família o que me confirmou ser um grupo familiar de mestiços dos mais variados matizes, coisa que não tinha nada de extraordinário na sociedade que vivíamos.

Não ficamos muito tempo já que o cinema nos esperava e retomamos nosso caminho até a Pçª Sáenz Peña. No trajeto me assaltou uma dúvida e para saciar minha curiosidade perguntei com alguma malícia:

- Ô Zé, você diz que não gosta de preto e tal, mas sua avó é pretinha.

Era uma pergunta provocativa cuja resposta esperava fosse uma simples cortada, entretanto, para minha perplexidade o Zé “Papagaio”, botou uma carranca, olhou-me com um ar furioso e falando alto e grosso, quase como um desafio:

- Minha avó não é preta porra nenhuma! Ouviu?

Ficou me encarando e eu, como bom amigo lhe respondi:

- Não, claro que não.

Nunca mais toquei neste assunto com ele ou com qualquer outra pessoa que me parecesse preconceituosa com qualquer coisa como cor, sexo, time de futebol ou religião.

Mais tarde incluí culinária, música, literatura, moda e tudo mais.